

A Sofística e Platão

Margarida Maria Chagas (Bolsista PIBIC/CNPq)

Orientador: Roberto Bolzani Filho

Justificativa

A origem deste trabalho foi uma primeira leitura do diálogo *A República*, de Platão, no qual se manifesta uma oposição entre **FILÓSOFO** e **SOFISTA**. Por um lado, os **Sofistas**, diz Platão, dominavam multidões com seus belos discursos e: “...cada um desses particulares mercenários, a quem essa gente chama Sofista e considera como rivais, nada mais ensinam senão as doutrinas da maioria, que eles propõem quando se reúnem em assembleia, e chamam a isso ciência”¹ Por outro lado, os **Filósofos**, amantes da sabedoria, apaixonados pela essência na sua totalidade, têm “aversão à mentira” e “pregam a verdade”² Os sofistas, diz ele, “diremos que têm opiniões sobre tudo, mas não conhecem nada daquilo sobre que as emitem”³ são “amigos da opinião”/.../ os outros, “amigos da sabedoria”⁴.

Inicialmente foram utilizados os livros V, VI e VII de **A REPÚBLICA** e, em seguida, outros diálogos do mesmo autor com alguns comentadores.

Entretanto, esta **polêmica entre Platão e os Sofistas** que aparece em *A República*, tem seus antecedentes

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é, justamente, uma tentativa de explicitar algumas mudanças históricas, relacionadas à **SOFÍSTICA**, que possam colaborar para uma melhor compreensão da **polêmica entre PLATÃO e os sofistas**.

Esta comunicação resume-se em:

1. INTRODUÇÃO, para localização da questão proposta,
2. CONTEXTUALIZAÇÃO desse período histórico e
3. DESENVOLVIMENTO buscando identificar melhor a relação entre a **SOFÍSTICA E PLATÃO**.

1. Introdução

Schiappa diz que a **literatura sofística** caiu no esquecimento e que “Os diálogos platônicos têm sido responsabilizados por essa perda /.../. Mas que os próprios sofistas não estão isentos de culpa: eles foram sobretudo, na Grécia do séc. V a.C., os ‘homens do presente’, homens cuja atividade, oral e escrita, estava muito mais vinculada a circunstâncias de ocasião do que ao propósito de criar uma obra duradoura”⁵ Reflete-se, aí, a ciência conhecida até então que caminhava para uma especialização e, como diz a autora, “o surto de divulgação de obras literárias e científicas, através de livros, recitações públicas e conferências, vem favorecer uma visão predominantemente intelectualista de **sophia**, na qual os chamados **sophistai** tiveram parte integrante”⁶



ca, da ética e da teoria do conhecimento. A **pólis** e os humanos tornam-se os objetos filosóficos por excelência”¹²

A Grécia aristocrática que possuía como *areté* a formação do guerreiro belo e bom (*kalós kagathós*), isto é, o jovem perfeito de corpo e dotado de uma virtude principal, a coragem para os perigos da guerra e para morrer em batalha na flor da idade, tendo a “bela morte” conforme diz Jaeger mudou. Diz ele que “Logo se fez sentir a necessidade de uma nova educação que satisfizesse aos ideais do homem da **pólis** (...)”.¹³

Jaeger diz que o conceito de *areté* andou desde o início estreitamente ligado à questão educativa e, com o desenvolvimento histórico, o ideal da *areté* humana sofreu as mudanças da evolução do todo social e nelas influiu.

No século de Péricles, em Atenas, **sofista** indica um grupo social particular, isto é, professores profissionais que forneciam instrução aos jovens e davam mostras de eloquência em público, mediante pagamento.

Este é um motivo para Platão polemizar com os sofistas e chamá-los, podemos dizer, de “...uma espécie de mercador...”¹⁴ Protágoras é um exemplo. Ele se diz Sofista, julga-se superior aos demais homens no conhecimento daquilo que os pode deixar melhores e mais honestos, propõe-se a ensinar a arte da política e, conseqüentemente, “*formar bons cidadãos*”¹⁵ Por esses seus ensinamentos, ele se julga “*merecedor de receber o pagamento estipulado*”. Ele próprio estabeleceu a sua modalidade de pagamento: “... depois de haver alguém tomado lições comigo, se estiver satisfeito, paga-me a quantia combinada; caso contrário, entre num templo e ali declare sob juramento quanto acha que valem os conhecimentos adquiridos comigo, e deposite essa quantia”¹⁶

Os sofistas, entretanto, foram os primeiros professores na história da educação. Diz Jaeger que eles “*constituem um fenômeno do mais alto significado na história da educação. É com eles que a paidéia, no sentido duma idéia e duma teoria consciente da educação, entra no mundo e recebe um fundamento racional*”¹⁷ Dessa forma, continua Jaeger, podemos, pois, considerá-los um estádio da maior importância no desenvolvimento do humanismo, embora este só tenha encontrado a sua verdadeira e mais alta forma após a luta contra os sofistas e sua superação por Platão.

Entretanto, há sempre neles algo de incompleto e imperfeito. A **sofística** não é um movimento científico, mas sim a invasão do espírito da antiga física e “história” dos Jônios por outros interesses da vida e, sobretudo, pelos problemas pedagógicos e sociais que surgiram em conseqüência da transformação do estado econômico e social. Conforme diz Jaeger, “*a sofística levou a uma ampliação dos domínios da ciência jônica nos aspectos ético e social, e abriu o caminho a uma verdadeira filosofia política e ética, ao lado e mesmo acima da ciência da natureza*”¹⁸

3. Desenvolvimento

Segundo Jaeger é fato notável e curioso que, tradicionalmente, se tenha aceito como evidente que a **sofística** constituía um membro orgânico do desenvolvimento filosófico, como fazem as histórias da filosofia grega. Entretanto, diz ele que “Não

se pode invocar Platão, porque sempre que faz os sofistas intervir nos seus diálogos é pela sua aspiração a serem mestres da arete, quer dizer, em ligação com a vida e com a prática, não com a ciência". ¹⁹

O que Platão queria era preparar homens para governar a cidade com sabedoria e com justiça e isso, para ele, era papel do **Filósofo** ²⁰ Filósofo, para Platão, é aquele que procura a Ciência e não a opinião.

Para exemplificar melhor essa polêmica entre Platão e os Sofistas temos as próprias definições que lhes são dadas no diálogo *O Sofista*, do próprio Platão, que são: "*Caçador interesseiro de jovens ricos*" ²¹; "*O comerciante em ciências*" ²²; "*Pequeno comerciante de primeira ou de segunda mão*" ²³; "*Erístico mercenário*" ²⁴ e "*O Sofista, o refutador*" ²⁵

Assim, os sofistas eram pouco apreciados por diferentes razões. Conforme Guthrie ²⁶ **por um lado** por filósofos como Sócrates e Platão e, **por outro lado** por dirigentes da cidade como Anytos.

No que se refere ao grupo ligado a Sócrates, a crítica era que o sofista perdia a liberdade de pensamento pois era obrigado a conviver com quem quer que lhe pagasse. ²⁷

A crítica dos socráticos ainda é no sentido de que os sofistas operam apenas com opiniões (**dóxa**) contrárias, ensinando a argumentar persuasivamente tanto em favor de uma como de outra, dependendo de quem lhes está pagando; não operam com a verdade (**alétheia**), que é sempre a mesma para todos.

A **história**, um tipo de saber tão novo quanto a **filosofia**, comenta Chauí, "*leva os sofistas à percepção das variações dos povos, leis, costumes e idéias e a não dar valor absoluto aos costumes, leis e idéias dos gregos*" ²⁸ Eles aceitavam essa variação como indicativo de **convenções humanas**.

Se tudo é fruto de **convenções humanas**, cai-se num certo relativismo. Isso leva Platão a criticar a retórica dos sofistas. Para ele, como pode usá-la com justiça aquele que, na posição de orador "*sem conhecer as coisas em si mesmas e sem saber o que é o bem e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto, dispõe de um método especial de persuasão que aos olhos dos ignorantes o faça parecer mais sábio do que os entendidos?*" ²⁹ O orador, conhecendo o que é a justiça, será justo e deverá querer praticar ações justas.

Dessa forma Sócrates afirma que a retórica não é uma arte, mas que ela: "*...não passa de uma rotina, pois não tem a menor noção dos meios a que recorre, nem de que natureza possam ser, como não sabe explicar a causa deles todos. Não dou o nome de arte ao que carece de razão...*" ³⁰

Assim sendo, se o conhecimento é aprendizagem que depende das circunstâncias, do professor e do aprendiz, não se poderia transformar a **sofística** em um corpo doutrinário.

Do ponto de vista histórico, a **sofística** é, conforme Jaeger, um fenômeno tão importante como Sócrates ou Platão e não é possível concebê-los sem ela. Diz ele que "*É natural que encaremos os sofistas retrospectivamente pelo ponto de vista céptico de Platão, para quem o princípio de todo o conhecimento filosófico é a dúvida socrática sobre a possibilidade de ensinar a virtude. É, porém, historicamente incorreto e inibe toda a compreensão autêntica daquela importante época da história da*

*educação sobrecarregá-la de problemas que aparecem apenas numa fase posterior da reflexão filosófica*³¹

Bibliografia

Obras de Platão

- A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, 7a. Edição, Lisboa, Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira.
- A República*, Difel, 1º volume, 2ª edição, Introdução e notas de Robert Baccou, Tradução de J. Guinsburg SP., 1973.
- A República*, Difel, 2º volume, — edição, Introdução e notas de Robert Baccou, Tradução de J. Guinsburg SP., 1965.
- A República: Livro VII*, Apresentação e Comentários de Bernard Piètre, Brasília, UnB, Prefácio de Pierre Aubenque, Tradução de Elza Moreira Marcelina, 1989.
- Górgias*, in Platão, *Diálogos*, tradução de Carlos Alberto Nunes, Edições Melhoramentos, 1970, páginas de 287 a 379.
- Protágoras*, idem, idem, páginas de 227 a 284.
- O Sofista*, in Os Pensadores, Platão, *Diálogos*, Tradução e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, 4ª. edição, São Paulo, Nova Cultural, 1987. páginas de 127 a 195.
- Hípias Maior*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, 1ª. edição, Universidade de Coimbra, 1985, Coimbra.

Comentadores

- JAEGER, Werner. *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, Tradução de Artur M. Pereira, Editora Herder, 2ª. Edição SP.
- GUTHRIE. *Les Sophistes*, Traduzido do inglês por J. P. Cottereau, Edições Payot.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, vol. I, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, Martins Fontes, 1ª Ed., 1993, SP
- CHÂTELET, François (coord.). *Dicionário das Obras Políticas*, Coordenado por François CHÂTELET Oliver Duhamel, Evelyne Pisier; Traduzido por Glória de C. Lins e Manoel Ferreira Paulino. Editora Civilização Brasileira S.A., RJ. 1993.

NOTAS

1. *A República*, Livro VI, 493 a.
2. *A República*, Livro VI, 485 c.
3. *A República*, Livro V, 479 e.
4. *A República*, Livro V, 480 a.

5. Schiappa, Maria Teresa, *Hípias Maior*, p. 13.
6. Schiappa, Maria Teresa, *Hípias Maior*, p. 15.7
- 7 Jaeger, Werner, *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 550.
8. Schiappa, Maria Teresa, *Hípias Maior*, p. 15.
9. Guthrie, *Les sophistes*, p. 36.
10. Guthrie, *Les sophistes*, p. 37.
11. Guthrie, *Les sophistes*, p. 47
12. Chauí, Marilena, *Introdução à História da Filosofia dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, vol. I, p. 109.
13. Jaeger, *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 312.
14. *Protágoras*, 313 c.
15. *Protágoras*, 319 a.
16. *Protágoras*, 328 b-c.
- 17 Jaeger, *Paidéia, A formação do Homem Grego*, p. 322.
18. Jaeger, *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 323. Em uma nota, de número 13, nesta mesma página, Jaeger cita Platão, no *Hípias Maior (281 C)*, onde salienta a oposição entre a tendência prática dos sofistas e a antiga filosofia separada da vida.
19. Jaeger, *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 319.
20. R. Baccou, em *A República de Platão*, da DIFEL, 1o. Vol., 2a. Ed., pp. 30 e 31, comenta que *...a índole filosófica, amadurecida pela educação e pelo tempo, é a única que convém aos chefes supremos da cidade"*
21. *O Sofista*, 222 a, 223 b.
22. *O Sofista*, 224 b-d.
23. *O Sofista*, 224 d-e.
24. *O Sofista*, 225 d-e, 226 a.
25. *O Sofista*, 230 c-d, 231 b-c.
26. Guthrie, *Les sophistes*, p. 48.
27. Guthrie, *Les sophistes*, p. 47.
28. Chauí, Marilena, *Introdução à História da Filosofia dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, vol. I, p. 124.
29. *Górgias*, 459 d.
30. *Górgias*, 465 a
31. Jaeger, *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 316.